

Lula, Covas e Delfim, uma trinca que promete

Eles já se sentem à vontade no Congresso e esperam por dias mais quentes da Constituinte

RITAMARIA PEREIRA
Da Editoria de Política

Nenhum dos três mostra surpresa com as atividades da Constituinte nos seus primeiros dias, mas estão certos de que logo logo os parlamentares tomarão rumos na direção de elaborar uma nova Carta nos moldes requeridos pela população. Enquanto o trabalho efetivo não chega, eles têm circulado nos bastidores, embora Lula, do PT, e Delfim Netto, do PDS, além também uma forte presença no plenário. Mário Covas, com experiência no Legislativo, se permite uma frequência menor. Ninguém mantém expectativas capazes de já terem sido frustradas e demonstram compreensão com as dificuldades iniciais. Lula, ativo, aproveitou parte do tempo para se entrosar com o PT do Distrito Federal. E já está solto nas lides políticas, com planos para atuar

nas satélites. Mário Covas se informa das questões econômicas, enquanto perdeu o estímulo de articular o afastamento do deputado Ulysses Guimarães da presidência do PMDB. E Delfim Netto, seguramente o mais abordado nos corredores devido à crise econômica, aproveita para dar boas gargalhadas com situações pitorescas que tem oportunidade de provocar ou participar. Um problema comum aos três é o movimento excessivo do gabinete de trabalho. Covas, por sinal, na primeira semana já entrou para o folclore do Senado: os funcionários pensam duas vezes para aceitar lotação em seu gabinete, que não tem horário de almoço, nem para terminar de funcionar. Em 15 dias, trocou dois chefes de gabinete. Delfim tenta se acostumar ao espaço pequeno de trabalho, com poucas regalias. Lula, metalúrgico, não estranha muito a falta de conforto.

Pique de Covas abala contínuo

GERALDO MAGELA



Covas, senador mais votado, quer ser líder

Como parlamentar, Mário Covas tem bastante experiência. Casado em 67, elegeu-se em 82, embora tenha passado poucos dias na Câmara, voltando em meados do ano passado. Nesse intervalo, foi prefeito de São Paulo, quando trabalhou no mesmo ritmo que empreendeu no gabinete em Brasília. Chega cedo, por volta das 9h, e sai normalmente depois das 10 da noite. Sempre é o último a deixar a casa. Esse volume de atividades surpreendeu um contínuo, que confessou ter perdido na estréia com Covas, o ônibus, a carona, não almoçou e nem jantou. Um massacre, desabafou.

Covas, porém, limita-se a rir da história. Acha que tem muito a fazer e nem liga para o fato de estar provisoriamente instalado no penúltimo gabinete da "Avenida Piauí", ala privativa dos senadores e tão longe do plenário que ganhou aquela designação jocosa, pois só vai lá quem quer ou precisa.

Na sua opinião, a Constituinte vive seu momento de ebulição. Muita gente nova se junta aos antigos e mais experientes para tentar uma articulação. Só que nela há um ingrediente adicional: em matéria de constituinte, todos são estrepentes.

E por isso que, enquanto espera, decidiu manter reuniões na área econômica, para se informar sobre a situação do País. Os contatos maiores têm sido feitos com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Além disso, dedica-se à vida partidária. Tentou sustentar a tese da saída do presidente Ulysses Guimarães da direção do PMDB, porque acha que o acúmulo de funções acabará interferindo num momento em que o partido vai precisar se preparar para ir às ruas.

— Aonde entra o grande orador, cuja estréia todos esperam? — São duas horas de pinga-fogo todos os dias, um horário incompatível para a Constituinte. Como falar em cinco minutos?

— Estamos querendo vê-lo tirar o sapato e fazer aqueles brilhantes discursos, senador...

— Quem disse que eu tenho esse hábito?

A seguir, Covas dá boas gargalhadas e confessa uma preocupação: são os mais de sete milhões de votos, que pesam nos ombros e são cobrados pelos corredores. A liderança do PMDB está nos seus planos, mas quer primeiro se entrosar, atuar nos bastidores.

Sua maior emoção veio antes da instalação da Constituinte: "Participar da reunião da bancada do PMDB no Senado, foi melhor do que o dia da posse".

"Essa casa tem um lado cruel: não perdoa os erros, nem os enganos. Na sua avaliação, o problema econômico foi dominante e desviou as atenções para a crise, o que de certo modo contribuiu para agilizar a solução operacional da Constituinte. Se não houvesse isso, a ebulição seria maior.

LUIZ MARQUES



Roberto Campos e Delfim Netto. Este promete muito barulho quando se acostumar à nova vida

Economia ruim destaca Delfim

O telefone não para. Apenas uma linha direta e outra de ramal. Sem dúvida, uma dificuldade a ser transposta pelo agora deputado Delfim Netto, que foi o todo-poderoso da economia brasileira nos governos revolucionários, quando tinha um infra-estrutura de fazer inveja. No gabinete, aproveitou duas funcionárias que serviram a parlamentares derrotados e, os demais, são assessores que o acompanham há anos: Gustavo Silveira, de imprensa, e Sérgio Faria Lima, que chefiou seu gabinete na Seplan. Mas, segundo confessa, está gostando e nada tem a reclamar, tanto que demonstra bom humor permanente, sorriso nos lábios e sempre observações críticas a respeito do momento atual.

Delfim Netto tem sido um dos mais requisitados deputados nesses primeiros dias de Constituinte. Concede várias entrevistas por dia, desde às oito, quando chega, até a noite. De modo geral, a economia nacional e seus rumos concentram as perguntas dos

repórteres políticos. Mas quando quer, ceifa na raiz os insistentes. Dias atrás, foi procurado por um repórter que lhe perguntou: é verdade que o senhor quer a cabeça do Funaro? Crítico e às gargalhadas, respondeu: e o que é que vou fazer com a cabeça dele? Eu tenho a minha. Outro episódio que mereça registro diz respeito a um debate no tapete verde entre ele e Lula. Juntou gente de imprensa, povo, funcionários do Legislativo. No final, abraços e gentilezas, pois no parlamento um relacionamento cordial conta pontos.

Dias depois, no plenário, ouviu o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, anunciar trabalhos aos sábados e domingos. Reagiu e agradeceu os que estavam à sua volta, quando disse: eu não topo. Esse negócio de levar tarefa extra para casa é punição para quem não trabalhou direito na semana. Ele não vai lá nos finais de semana, quando se desloca para São Paulo.

Mas, sem dúvida, são as questões econômicas que mais o absorvem. Presta atenção nos discursos e a noite comenta com os assessores o que ouviu. Depois, brinca que está vingado, pois assim como na sua gestão de ministro, sabia que sempre vazavam informações e documentos importantes, agora nada mudou. Recebe dezenas de cópias — "depois que inventaram xerox e fogo" — só que prefere não dar importância a nada que tenha timbre oficial.

— Desconfie sempre. Papel do Governo, mesmo quando é verdadeiro, está mentindo.

Além disso, recebe dezenas de ligações diárias. Joram informes oficiais.

— De quem?

— Eu não busco nada, as informações caem aqui. Mas aprendi com vocês jornalistas que é preciso proteger a fonte, até com a própria vida", afirma.

"Sou um orador de pé quebrado, por isso, só irei à tribuna no tempo oportuno", diz Delfim Netto, que vai se concentrar nos debates sobre economia". O

problema é que não se tem informação do que vai acontecer. Seria bom se pelo menos o Governo tivesse: Essa é a compensação, para nós da oposição".

— Ao contrário dos que reclamam da falta de objetividade no pinga-fogo, acha que é preciso compreensão com os deputados que precisam expor suas dificuldades. E não acha que diminui o Congresso um sujeito defender a construção de uma ponte ou reclamar da enchente no seu estado.

Na sua opinião é injustiça dizer que o plenário da Constituinte anda vazio. Mas quando passa a falar do PMDB, abre fogo. "Hes tem a pretensão de ser o dono do Congresso. Alias, atrás de um grande progressista sempre tem um grande fascista".

Indagado se tem um programa para a crise, resume seu ponto de vista:

"Nós no Congresso não temos obrigação de formular um programa. O Presidente e seu partido, se pudessem fazer um, 'era bom', diz.

Lula almoça e janta política

Quem desejar conversar com o deputado Luiz Inácio Lula da Silva vai precisar de alguma paciência até encontrá-lo disponível. No plenário, enquanto acompanha os trabalhos da Constituinte, articula com os integrantes da bancada do PT e dos demais partidos. Fora dele, vive política. As horas que puder agüentar num dia. Tanto assim que nesses primeiros dias de Constituinte, já está absolutamente entrosado com o PT do Distrito Federal. Acompanhou Chico Vigilante ao Ministério do Trabalho para tratar da greve de sua categoria profissional e se prepara para comícios nas satélites, conferências, debates e tudo o mais que significar mobilização político-partidária.

Na Câmara, absorve-se com as reuniões da banca-

da, as discussões sobre o momento brasileiro, a crise, sempre há o que tratar no PT. Lula, porém, achou estranho o ritual de funcionamento da casa: "Muita burocracia". Para ele, parece que seus habitantes estão fora da realidade, perderam o senso do que acontece lá fora.

— Imagine, muita gente aqui ficou assustada quando recebeu mais de CZ\$ 50 mil nos primeiros dias de funcionamento. Sou operário. Estou acostumado a trabalhar 30 dias antes de receber.

Por isso, encaminhou ao serviço administrativo um requerimento pedindo esclarecimentos sobre quanto recebe e a título de quê. Quero saber centavo por centavo, proclama o presidente do PT, alegando que

precisa explicar quanto ganha ao eleitor. Mas, na sua opinião, está errado pagar tanto auxílio. O parlamentar deveria receber um salário fixo e pagar impostos, como todos os cidadãos.

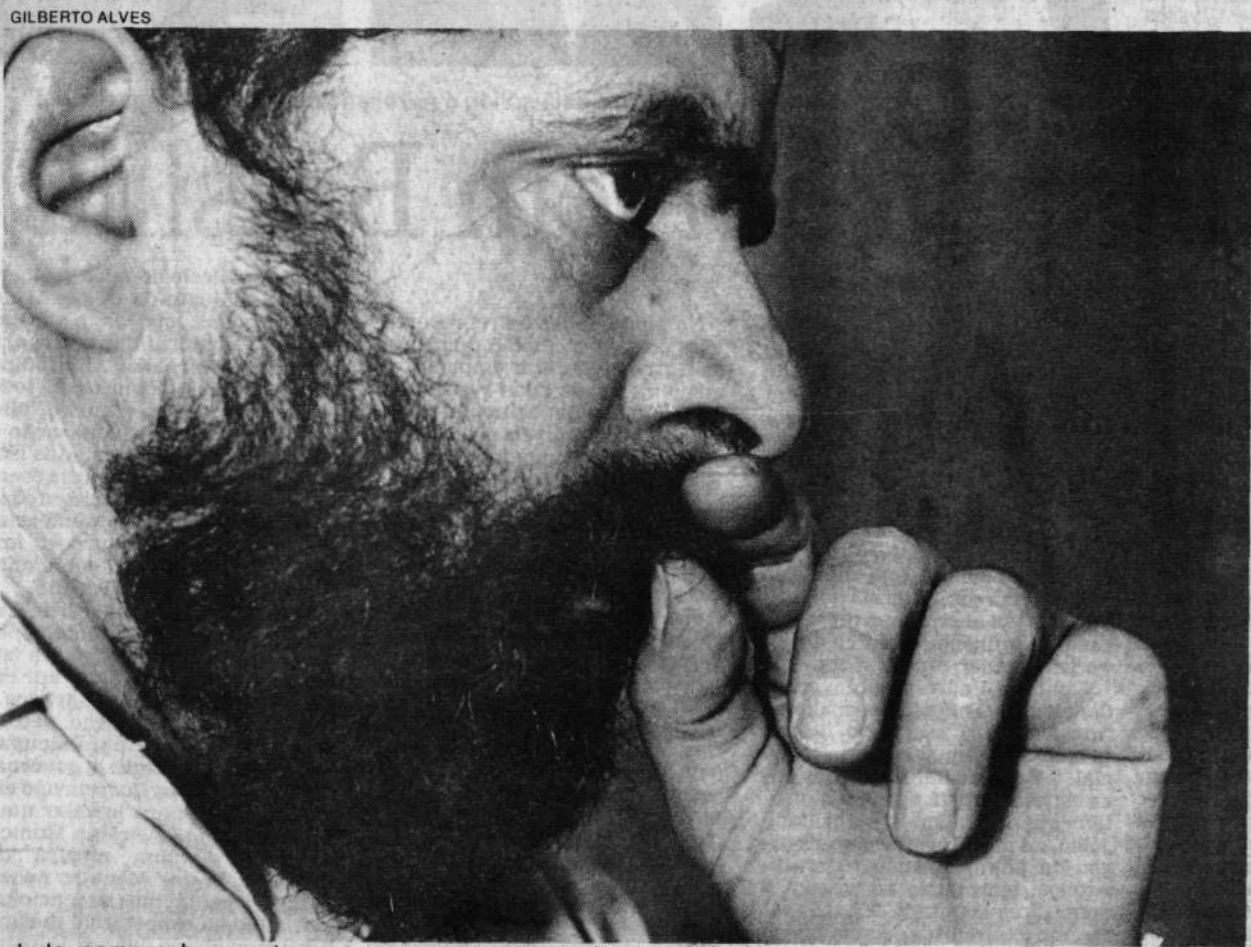
Tem muita gente nova preocupada em andar depressa com a Constituinte, comenta Lula, que acha essa angústia importante, porque poderá apressar a elaboração da nova Carta. Mas não se decepciona com a demora em elaborar o regimento e acertar o funcionamento. Aproveita o tempo para conversar, trocar idéias com os colegas, verificar o que pensam.

Está encantado com a receptividade dos funcionários, que o cumprimentam e tentam entabular uma amizade. Isso é bom, comenta, porque eles nos tra-

zem problemas, falam de assuntos importantes. Afinal, a impressão que se tem quando entramos no tapete verde é de que o mundo não tem problemas.

Para não perder a noção de realidade, Lula decidiu militar ativamente no PT do DF, para o que reserva as noites em Brasília e até horários do expediente normal. Mas pensa em formas de conciliar tudo isso com a necessidade de se fazer presente em São Paulo, onde deixou a família. Em Brasília, decidiu dividir um apartamento com outros petistas, o que ajuda nas articulações.

Para ele, um fato marcante desses dias foi a posse e instalação da Constituinte, quando os parlamentares não puderam, falar, nem quebrar a articulação das cúpulas.



Lula, sempre buscando contatos com os grupos de esquerda de dentro e também de fora do Congresso